

Bernardo Santareno • Hélder Costa
J. Gomes Ferreira • Carlos Coutinho
J. Salazar Sampaio • L. Francisco Rebello
Mário de Carvalho • Virgílio Martinho

DRAMATURGIA DE ABRIL

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

BERNARDO SANTARENO • CARLOS COUTINHO
HÉLDER COSTA • JAIME SALAZAR SAMPAIO
JOSÉ GOMES FERREIRA • LUIZ FRANCISCO REBELLO
MÁRIO DE CARVALHO • VIRGÍLIO MARTINHO

DRAMATURGIA DE ABRIL

8 peças em 1 acto

Prefácio de CARLOS PORTO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1994

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Dramaturgia de Abril: 8 peças em 1 acto

Bernardo Santareno... [et al.]

(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1211-8

I – Santareno, Bernardo, pseud.

CDU 821. 134. 3-2 “19”



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º

1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Autores, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994

1.ª edição: Dezembro de 1994

Depósito Legal n.º 84245/94

Fotocomposição: Alfabeto – Publicações e Artes Gráficas, Lda.

Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1211-8

PREFÁCIO DE CARLOS PORTO

Alguns anos depois de ter publicado o livro de poemas *Almas e Búlbuls* de 1934, Carlos Porto escreveu o prefácio de *Almas e Búlbuls*, um livro de poemas que ele considerava o seu primeiro livro de poemas. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto.

Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto.

Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto. Este livro de poemas, publicado em 1934, foi o primeiro livro de poemas de Carlos Porto.

AVISOS DE ABRIL

Alguma gente houve, e até excelente, já Abril desenferujara as línguas, que se permitiu o luxo de ironizar sobre o facto de as gavetas, onde era suposto os escritores portugueses terem enfiado as suas obras, primas ou não, estarem afinal vazias (mas estariam?). Isto, como se fosse legítimo duvidar dos malefícios da longa, quase interminável noite censória que sofremos, não apenas criadores e afins mas também os potenciais usufruidores que dessas obras deviam ser. Ora, a mera existência dessas gavetas implica já uma situação, ao mesmo tempo, de insuportável vilania e de óbvia má-fé. Ironizar sobre elas parece de um gosto muito suspeito.

Não estariam as gavetas cheias, nem por isso deixaram de ser irremediavelmente mutilados o pensamento e a criatividade de gerações e gerações de portugueses. Essa é que é uma realidade incontroversa. Para o demonstrar basta recordar o exercício de respiração livre a que assistimos, em que participámos, logo que o 25 de Abril abriu de par em par portas e janelas, exercício documentado por um apreciável número de criações que em todos os domínios da Arte se tornaram realidade viva, porventura nem todas de qualidade excelente mas livres, não meras tentativas logo engavetadas, como antes.

Reúnem-se nesta Antologia, integrada no Repertório da SPA, alguns desses documentos que são, na sua circunstancialidade, na urgência de um combate inadiável, um breve mas não despi-

ciendo discurso sobre o sofrimento, sobre as lutas, sobre as carências, que os Portugueses dignos desse nome foram obrigados a suportar durante quase meio século de indignidades, também elas tema de um teatro que exprime opróbrios, mas também valores, duma sociedade castrada. A lista de peças em um acto, necessariamente limitada, aqui proposta coloca-nos perante autores consagrados como Bernardo Santareno, Jaime Salazar Sampaio, Virgílio Martinho e Luiz Francisco Rebello; autores predominantemente de outras escritas, como José Gomes Ferreira e Mário de Carvalho; um autor mais estreitamente ligado à prática teatral, caso de Hélder Costa; por fim, um autor menos representado e conhecido, por razões de injustiça que interessa superar.

De que nos falam estas peças marcadas por vários elementos comuns: essencialmente, da necessidade de não aceitarmos a situação de aviltamento do ser humano e do combate pela sua libertação. Através da ironia, de algum modo premonitória (*O Congresso dos Pides*, de Hélder Costa); também num enquadramento fortemente satírico o texto de Jaime Salazar Sampaio (*A Inauguração da Estátua*), discurso inteligentemente didáctico e ao mesmo tempo um divertimento teatral sobre a relação entre exploradores e explorados; num plano trágico, como em *O Sentido da Epopeia* de Mário Carvalho, referência à guerra colonial, e destes textos aquele que possivelmente permite um jogo teatral mais denso (*Estilhaços*, encenação de João Brites, espectáculo de O Bando); exprimindo uma problemática muito sensível e de difícil abordagem, a peça de José Gomes Ferreira, *O Subterrâneo*, que tem a ver com os instrumentos de que a ditadura se servia, como as polícias e as relações que estas estabeleciam entre esse poder discricionário e as suas vítimas, através do caso de um militante político e da maneira como reage à revolução. Virgílio Martinho situa a acção do seu breve drama (*Mulher, Aqui Estou como um Cão Perdido*) noutra zona, a que tem a ver com os problemas, tantas vezes trágicos, da emigração que atingia então dimensões insuportáveis.

É também de relações, neste caso familiares, de envolvimento, de luta, que nos fala o drama de Carlos Coutinho, *O Telefonema*. Esse quadro familiar surge-nos dividido entre um filho, militante comunista na clandestinidade, e o irmão, polícia político, sublinhando as particularidades que os respectivos comportamentos

O TELEFONEMA
de
CARLOS COUTINHO

Extraído do volume *Teatro de Circunstância*
(Seara Nova, 1976)

*A um homem que para alguns
de nós era João Gomes*

PERSONAGENS

O VELHO
A VELHA
O FILHO

VELHA (Soltando de roupa - Contando-as)

VELHO - Não sejas impaciente.

VELHA (Chegando à janela e encostando a cabeça ao vidro - Quase-as)

VELHO - Calma. Não queres.

VELHA - Fazer-lhe mais de duas horas e um pau perfeitamente lizo.

VELHO - Se quiseres fazer.

VELHA (Zufando - De uma descoberta)

VELHO - Eu vou-te descobrir. Tu és que estás sempre a fazer de conta de não saber as coisas.

Quarto modesto cheio de retratos de família, imagens de santos e crucifixos.

Noite alta. Chuva e relâmpagos.

A velha está sentada na cama, com os ombros protegidos por um xaile. O velho passeia em volta da cama e, de vez em quando, vai à janela espreitar a rua.

Um relógio de cuco grita as quatro horas.

VELHA (*Saltando da cama*) – Contaste-as?

VELHO – Não sejas impaciente.

VELHA (*Chegando à janela e encostando a testa ao vidro*) – Contaste-as?

VELHO – Contei. São quatro.

VELHA – Estou há mais de duas horas com um pressentimento horrível.

VELHO – Só faltava isso.

VELHA (*Enérgica*) – Já vais desconversar?

VELHO – Eu nunca desconverso. Tu é que arranjas sempre maneira de estragar os nossos momentos de paz.

VELHA – Que é que eu estraguei agora? Diz lá.

VELHO – Nada, nada. Volta para a cama. Está muito frio.

VELHA – Não volto! Não saio mais daqui! Estou farta da cama!

VELHO – Vai calçar-te, ao menos.

VELHA (*Obedecendo*) – Nem uma noite como esta deixas escapar a oportunidade para me ofenderes.

VELHO (*Tirando um par de meias grossas duma gaveta*) – Não calces isso. Toma estas que são mais quentinhas.

VELHA – Escusas de deitar água na fervura. Quando me picam, sinto-me e só me passa, quando eu quero. Maldita sorte a minha... Nem numa noite como esta...

VELHO – Que é que eu te fiz?

VELHA – Nada.

VELHO – Então, se não foi nada, passemos à frente.

VELHA – Há mais de vinte anos que eu carrego a vida a passar à frente, a passarem à frente, a passar à frente.

VELHO – Ó filha, se eu abrisse o livro, tinha muito que contar. É melhor mudarmos de assunto.

VELHA – Cada um inventa o livro, como lhe dá mais jeito...

VELHO – Sabes o que é que me dava jeito agora?

VELHA – Não sei, nem me interessa.

VELHO – É pena.

VELHA – Sim?

VELHO – Sim, sim. O que me dava jeito agora era que não arranjassemos motivos fúteis para zaragatear. Ela entra aí dum momento para o outro e não tem piada nenhuma que nos encontre engalfinhados.

VELHA – Eu não arranjei nenhum motivo fútil. Tenho um pressentimento. É o que é. Ando há mais de duas horas a remoê-lo e a escondê-lo, para não chegarmos a isto. Queres maior infelicidade do que esta?

VELHO – Ah, isso para ti é que é a infelicidade... Pensava que havia coisas mais graves...

VELHA – Se é para me baralhares que dizes isso, enganas-te. Ninguém me enrola com tanta facilidade.

VELHO – Eu não quero enrolar-te, nem preciso disso para nada. O que me preocupa agora são as crianças e a mãe. Vê lá se me deixas um bocadinho em paz.

Silêncio.

VELHA – Conta-me outra vez como foi o telefonema. Quero ter a certeza de que os meus netinhos se vão salvar.

VELHO – Está bem. Eu vou contar outra vez. O nosso filho foi preso. Mas não é um criminoso. Nada de confusões! É um homem que luta pelo seu ideal, como o teu pai lutou na República e até eu, quando era mais novo. Percebeste?

VELHA – Percebi, percebi. Passa adiante.

VELHO – A casa onde o nosso filho vivia foi assaltada. A nossa nora conseguiu escapar com as crianças, mas não tem para onde ir. Procuram-na por todo o lado. Sozinha, em qualquer buraco se esconde. Mas, com as crianças é muito mais difícil e os meninos não podem andar por aí à chuva e ao frio, a fugir com a mãe. Já viste a noite que está? Caramba, é tão difícil perceber?